



Director literario:  
*Albuquerque*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

Director artistico:  
*Eduardo Lally*  
PAPUSSE

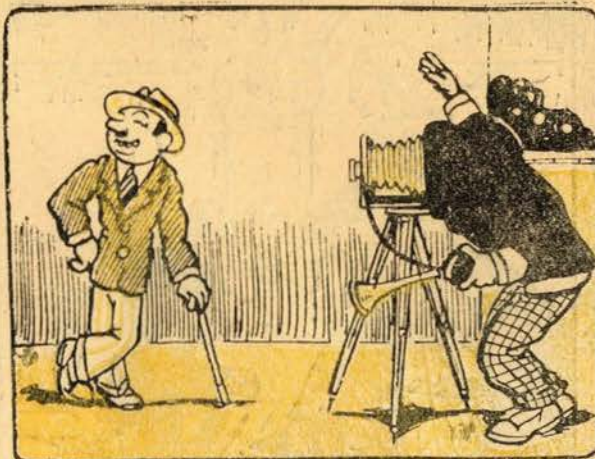
# Partidas de Pim, de Pam e de Pum



Um dia, Pim, Pam e Pum, descobrindo, após um «shoot», um «Papo-sêco» ao pé dum fotógrafo «à la minute»,



Em posição de tirar um retrato em plena luz, puzeram-se a magicar uma partida de trás.



Nisto Pum, lépido e cauto, junto à máquina vai pôr uma buzina dum «auto» na pera do obturador.



Debaixo do pano preto, o fotógrafo, a uma esquina, cuidando apertar a péra, vae apertar a buzina.

Mas ouvindo o forte som duma buzina a tocar, cuida vir um «camion» e... vai tudo pelo ar!

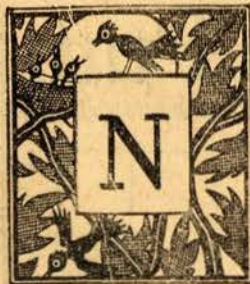




# A CAIXA MÁGICA

■ Por MARIA DAS DORES ■

■ Desenhos de TIOTÔNIO ■



UMA pobre aldeia, vivia, des-samparada de todos, uma infeliz rapariga, de 18 anos, que se chamava Clara.

Clara ha muitos anos perdera seus pais e agora não lhe restava nenhuma das economias destes, que a pudesse sustentar. Clara não arranjava emprego

devido às más línguas que lhe chamavam vadia. Um dia, Clara resolveu andar pelo mundo fóra pedindo esmola pelas portas, para ver se poderia evitar morrer à fome. Cansada de andar tanto, sentou-se sôbre uma lousa, quando notou que lhe faiscava aos olhos uma brilhante e pequenina pedra; agarrou-a com cuidado e ficou por longo tempo contemplando-a. De súbito, sentiu-se muito fraca e adormeceu. Dai a algum tempo acordou e qual não foi a sua admiração quando viu, em lugar da linda e pequena pedra, uma formosa senhora, senhora que, com muita bondade, lhe disse as seguintes palavras: — «Clara, bem sei que és boa e pobre; em recompensa da tua bondade, toma esta caixinha para te valer nas horas de aflição, pois com ela farás a tua felicidade, mas toma sentido: sê sempre boa!». Ditas estas palavras, desapareceu misteriosamente. Clara ía a agradecer-lhe, mas não teve tempo para isso. Viu, então, uma riquíssima caixinha, inerte nas suas mãos, toda de marfim e pedras preciosas. Clara não teve coragem de a abrir.

Resolveu pôr-se de novo a caminho do seu destino, e guardou a caixa junto ao seio

Caminhava, agora, por uma estrada deserta; chegou a uma esquina; do lado direito via-se a rua do Bem e, do lado esquerdo, a rua do Mal. Clara ignorava os seus nomes e por isso tinha receio de se aventurar por qualquer delas. Como estava muito aflita, e se lembrou das palavras da senhora que lhe falara com tanta meiguice, abriu a caixa e dela saltou uma linda pombinha, muito maior do que a caixa (tamanho natural). A caixa era muito pequenina. A pombinha tomou vôo pela estrada do Bem e Clara seguiu-a. Depois de muito caminhar,

em companhia da linda pombinha branca, sentiu-se cansada mas não o mostrou. Estavam agora num enorme prado. Ambos pararam. A pombinha poisou sôbre o ombro de Clara e vomitou um brilhante; de repente, apareceu um palácio e tantas pedras preciosas vomitou que o enorme prado se transformou numa cidade, muito concorrida.

Fronteiro a Clara, ficou um belo palácio com grandes riquezas e cheio de criados.

A pomba entrou pela porta principal desse palácio misterioso e Clara seguiu-a sem dar palavra. Ao entrar a porta da sua nova residência, Clara viu-se trajada com um riquíssimo vestido e a pombinha transformou-se na formosa senhora, que antes lhe tinha dado a caixinha.

A senhora, que era uma fada, falou-lhe nestes termos: «Este prado estava sôb a maldição de um homem que predissera que só poderia tornar a ser cidade, quando uma boa rapariga tivesse coragem de andar tanto, até que cá chegasse. Ora tu foste a salvadora de milhares de pessoas que estavam exiladas sôb este solo. Em recompensa, ofereço-te todo este rico palácio e também um noivo!». De repente, apareceu um galante rapaz que beijou a mão de Clara.

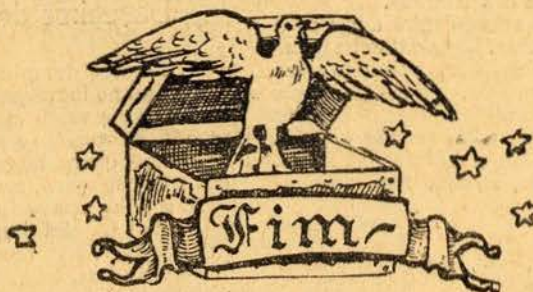




Clara, por sua vez, estava atônita a tudo aquilo, que mais lhe parecia um sonho do que uma realidade! A fada tornou a falar: «Agora vive feliz com meu afilhado Gabriel e sê sempre bôa. A pomba que seguiste durante a metade do teu penoso caminho, era eu que me disfarcei. Dentro dessa caixinha, encontrarás a minha imagem que é a tua protectora e quando quizeres qualquer coisa, pede-lhe, que ela te dará». Clara viu

dentro da caixa estava a imagem da fada. Gabriel apaixonou-se logo por Clara, pois era de uma formosura estranha. Clara tomou o braço de Gabriel e os noivos foram acompanhar a fada até à porta em cujo limiar, apareceu súbitamente.

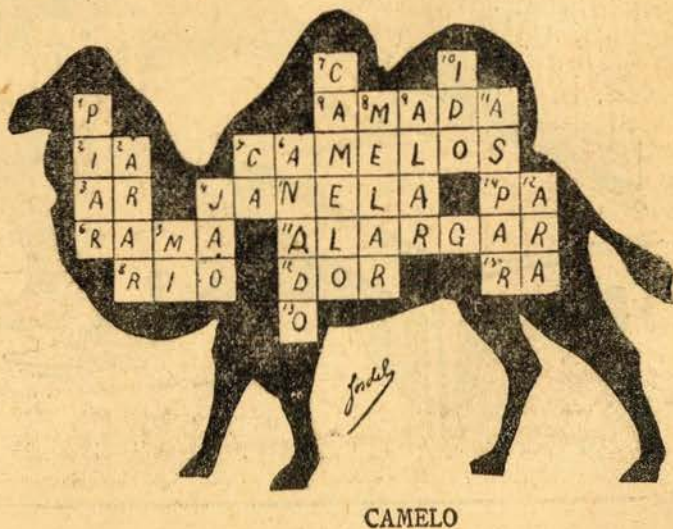
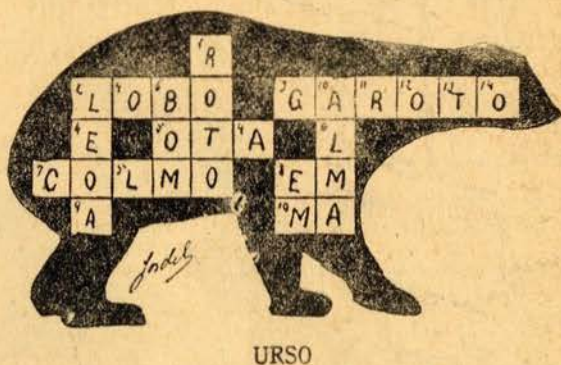
No dia seguinte, realizou-se o casamento, cujas festas duraram perto de oito dias. Os esposos foram sempre muito felizes, e ainda hoje vivem satisfeitos, rodeados pelos carinhos de seus filhos.



# PALAVRAS CRUZADAS

## JARDIM ZOOLOGICO

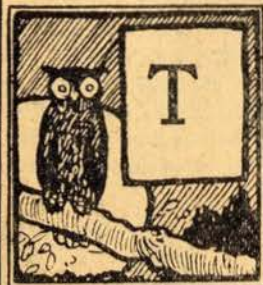
### SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ANTERIORES





# ■ ■ O DIABO ... NÃO É TÃO MAU ■ ■

## ■ ■ COMO O PINTAM ■ ■



UDO era escuro, tudo era negro; a chuva caía, e o vento sibilava através das trinchas.

Na serra, dentro duma casinha terrea, junto dalareira quentinha, um santo velhinho e sua companheira, ambos de faces engelhadas e cabeças brancas de neve, desfiavam de rosários vermelhos a última Áve Maria, rezando, rezando num murmúrio...

Santa Maria Mãe de Deus,  
rogae por nós pecadores,  
agora e na hora da nossa morte.  
Amen.

Batem onze badaladas no sino da ermida, compassadamente elevadas pela ventania... e o velho, poisando o rosário num banco de pinho muito comprido que estava ao lado, disse tristemente:

— Já lá vão as onze, Joana, e a nossa neta sem vir ainda... está a noite tão escura, os caminhos enlameados, e chove fanto!

Ah! Deus queira que nenhum mal lhe aconteça, coitada!... Mas já cá devia estar, Joana, já cá devia estar há muito tempo.

— Tens cada lembrança, José, então o que havia de acontecer à nossa menina?!...

Tu metes me medo, homem, cala-te... ela vem não teinhas pressa...

Por EUCLIDES DIAS  
Desenhos de EDUARDO MALTA

E ficaram durante algum tempo, em silêncio, com os olhos fitos no lume que se ia apagando lentamente...

Lá fora o vento era cada vez mais forte, a chuva mais pesada, a escuridão maior...

E uma coruja lançou sobre o beiral da pequena habitação um grito rouco, meio tristonho.

E o velho tornou inquieto, carregando a fronte:

— Ah! Cá está outra vez a maldita!... Nunca foi supersticioso... mas esta coruja faz-me terror, Joana.

— Oh! José, tu estás maluco de todo... então, não ouviste o que a tua neta leu noutra dia?!

Já não sabes, és um esquecido!

— Sei, sei Joana, Dizia que era um grande erro pensar desta maneira... que os homens de sabedoria, consideram a voz da coruja como um som inocente e bondoso, não é isto?

Isso, José. Mas ainda dizia mais... dizia que só os selvagens é que a podiam considerar agorenta. Portanto, não queiras que te chamem selvagem...

— Tens razão, mulher, tens razão... eu sou muito estúpido!... Mas esta demora...

Ora vai ver que horas são, vai lá querida mulher, vai lá eu... já mal posso arrastar as pernas — triste de quem é velho!

A velhinha levantou-se a tremer, pegou numa candeia de azeite que fumegava ao canto da chaminé, desapareceu numa curva do corredor e voltou pouco depois pálida como a cêra.







— Tens razão, José, disse ela assustada estão quasi a bater as doze...

Agora também tenho medo, tenho medo pela nossa netá... e nem tu nem eu podemos ir procura-la; as nossas pernas não ajudam, está escuro, faz vento, a chuva é cada vez mais...

— Mas quem a mandou, Joana, aventurar-se por esse caminhos fora, e ir ao bosque buscar lenha, quem foi?!

— Oh! homem, foi eu... e ela, Não havia lenha, e como amanhã é domingo, dia de missa, ela aproveitou uma res-teasinha da tarde, e lá foi, coitadita!...

As doze badaladas bateram, frias, monótonas, compassadas, incutindo terror nas almas santas dos dois velhinhos, que a cada pancada do relógio estremeciam, fitando-se mutuamente.

Um galo cantou numa casa próxima, e logo outros e outros o seguiram, anunciando a hora fantástica da meia-noite.

E os velhos cada vez mais aterrados e inquietos, ficaram silenciosos, sentados um ao pé do outro, e de mãos erguidas elevavam intimamente preces a Deus.

O lume apagara-se por completo; um gato negro viera enroscar-se comodamente nas cinzas quentes da lareira; e a candeia ardia, ardia ao canto da chaminé, lançando fumo, e deixando escapar uma luz ténue e muito pálida dentro da casa...

Vamos agora ver o que aconteceu á boa menina que tinha ido ao bosque buscar lenha...

Como a velha contara, o sol tinha aparecido á tardinha numa nesga do céu, e lá foi...

Mas não tardou muito que o firmamento, de novo se nublas-se por completo, a chuva caísse, e o vento com a sua fúria se puzesse a soprar desabridamente.

E a pobrezinha vestida de preto, com umas cordas pendidas dos ombros, caminhava pela estrada fora, completamente indiferente ás revoltas da Natureza — não se impor-

tava... o que ela queria era ir à missa no Domingo de manhã, e rezar pelas almas dos pais, como costumava.

E dizia, consigo mesma: — Já estou acostumada a isto; a chuva e o vento já me conhecem, não me fazem mal...

E foi andando, andando até à floresta...

As árvores vergavam quasi até ao chão e a chuva caía cada vez mais pesada.

Ela, agora dentro do bosque, começou a apanhar lenha, fazendo montículos aqui e ali, para daí a pouco os juntar, formando um feixe só.

Mas se depressa os fazia, mais depressa eles se espalhavam...

— Diabo de vento!... dizia ela arrelhiada, juntando-os outra vez e outra, muitas vezes...

Tudo em vão. De nada lhe valeu tanto esforço;

E a noite negra surpreendeu-a, cobrindo a terra de sombras e formando espectros que adejavam de bôcas em fogo, escancaradas, lutando no espaço, não com os outros.

Rodearam-na vultos brancos e esguios, de mãos dadas, que começavam a danças em passos cadenciados...

Ouviam-se gritos, berros, grunhidos, silvos, assobios formando um côro fantastico, extraordinário, macabro...

A rapariga com a roupa encharcada e fria, arregalva os olhos, horrorizada com tudo aquilo.

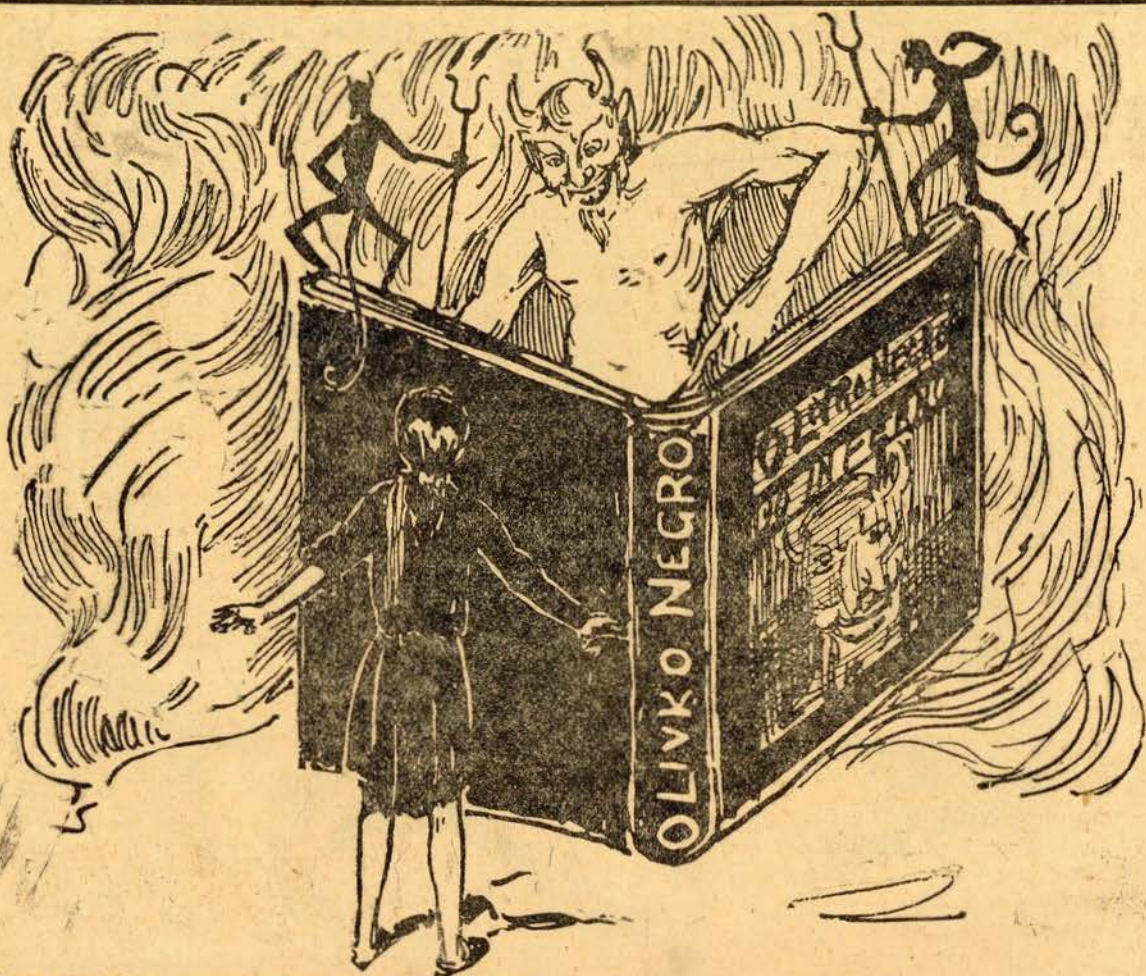
Nisto, uma gargalhada satânica soou através do espaço, é um vulto branco, de pés de cabra, se chegou a ela, dizendo ao ouvido: — Segue-me.

Ele nada mais disse, e ela seguiu-o a tremer através da floresta, durante muito tempo; chegou a uma cova, cavada num rochedo; desceu muito da superfície da terra; atravessou uma galeria escura, e entrou num recinto quente, iluminado por uma grande fogueira que ardia e crepitava...

Era o inferno.

Em volta do fogo, muitos demónios negros, de chifres compridos, assobiavam e berravam sarcasticamente, assando em espêtos, muitos meninos, daqueles, que foram maus para os companheiros, desobedientes a seus pais, cruéis para com os animaizinhos...





Esses meninos, choravam pelas mães, elevavam ao ar os bracitos nus... mas ainda blasfemavam e rogavam pragas!

E os diabos, que não gostam de ouvir isso, ainda mais os metiam no fogo, ainda mais os maltratavam...

A rapariga estava livida de medo e terror.

O Diabo Mór, aquele sujeito que a tinha encontrado no bosque, sentou-se a uma mesa verde e fê-la estar de pé deante de si.

Olhou-a durante algum tempo, com os seus olhos grandes, cõr de fogo, e por fim gritou:

— O Livro Negro...

Imediatamente dois diabitos lho trouxeram, e êle começou a folhear, a folhear...

Ao passo que ia folheando o seu rôsto ia tomando um ar de alegria.

Por fim exclamou:

— Tiveste sorte, o teu retrato não se encontra aqui, ainda. Tens sido bõa, pertences à nossa grei... pertences aos Bons, nossos amigos. A êles não lhes fazemos mal, antes pelo contrário...

Nós também somos bons, mas somos dos tais, a quem chamam Justiceiros — castigamos os maus.

Olha, como recompensa das tuas boas acções, vou-te dar um lindo príncipe loiro, de olhos azuis, que uma fada muito má transformou numa coruja — a coruja que às vezes grita no beiral da tua casa...

Vais desencanta-lo.

Arranca uma haste dum pinheiro novo; leva-a aos ombros; ao chegares em frente da tua casa, assobia; não te assustes quando a coruja te pousar num dos ramos da haste, porque logo se transformará no lindo príncipe.

Vai...

Apenas acabou de falar, o Diabo, soltou um berro colossal, a terra tremeu, e a rapariga arremessada pelos ares, foi cair mansamente à beira da floresta...

Imediatamente fez aquilo que o Diabo lhe ensinara, e um lindo príncipe de cabelos loiros, tão loiros como as searas maduras, apareceu, e deu-lhe um beijo, exclamando:

— Obrigado, vais ser minha mulher...

A aurora do dia seguinte chegou, despontando sorridente, abençoando com alegria a verdura tenra das campinas, e o lindo par que caminhava pela estrada fora, a rir, a rir alegremente...

A passarada inquieta sacudia as asas, dos campos floridos vinham bálsamos de flôres; as águas das valetas corriam límpidas, murmurantes; e o sol subia, subia lentamente acima do horizonte.

Estava um dia lindo, um daqueles dias que confortam os corpos, que alentam e vivificam as almas.

O Diabo não ficou por aqui ainda; preparou aos noivos uma recepção simples, mas cheia de encanto...

Os camponeses vieram todos de chapéu na mão saudar o lindo par; as crianças cantavam e riam, saltando deante dos noivos; as camponesas tapetavam a estrada de rosas e açucenas...

Tudo era alegria... só dois velhinhos choravam... mas choravam de contentamento — era a Joana e o José, que estavam sentados na soleira da porta.

— Vês, José, vês... e ainda a coruja te metia medo!...

— É verdade, Joana, estou a ver que as pobres corujas, são príncipes e princesas que as bruchas encantaram noutros tempos...

E ficaram-se, a olhar o lindo par que para êles se encaminhava...

Não tardou muito que o príncipe e a noiva, partissem para o seu reino — o reino do Amor — levando em sua companhia os pobres velhinhos,

Viveram muitos anos e foram felizes até à morte.

Mas, caros leitores, sabem o que os velhos, mais tarde, diziam aos bisnetos? Contavam-lhes a história da mãe, e diziam que não tivessem medo de corujas... mas que fossem sempre bons para os companheiros, obedientes aos pais e bondosos para com os animaizinhos; que se lembrassem bem daqueles meninos, que os diabos, no inferno, assavam no espêto...



# BÉBÉ É DORMINHOCO

Por BEATRIZ BRANCO  
Desenho de EDUARDO MALTA

Onze horas... a Bébé dorme  
Sua mamã já zangada,  
Diz à ama que o acorde.

E a mamã muito zangada,  
diz pregando-lhe um açoite:  
Oh! seu grande mandrião  
Então 'inda às onze horas,  
a sonhar com o papão?!

— Vá menino  
Vá Bébé,  
A mana que foi à escola  
Não tarda para almoçar,  
e o Bébé 'inda deitado  
ai o que ela hà de troçar.

Deixa estar que logo à noite,  
não brincas com tua mana,  
em chegando às nove horas  
meto-te logo na cama.

Mas nisto, Bébé acorda;  
dá uma volta,  
outra volta,  
começou choramingar,  
an-an-an-an-an-an  
ai o Papão, o Papãão,  
Oh! Mamã!





